

## CORINTO

Eu tenho uma idéia de Corinto — uma estação em que comi um almoço surpreendentemente gostoso e farto quando, anos atrás, eu viajava para o norte de Minas. Fica um pouco ao norte de Curvelo, terra do Lúcio Cardoso e do Alceu Pena; ali se juntam à linha tronco da Central, vinda de Montes Claros, e da fronteira baiana, os ramais de Pirapora e Diamantina. Não sou homem de muito comer, nem de finuras de mesa, e devia andar muito mal alimentado nessa minha longa viagem pelo sertão para me lembrar com tanto carinho do almoço generoso, patriarcal, comovedor de Corinto.

Pois é de Corinto que ouvi, outro dia, uma história comovente. Por ali passam anualmente algumas dezenas de milhares de nordestinos em demanda do Sul. É um ponto de parada nessa viagem enorme; e o governo federal nunca teve uma idéia tão simpática e justa como construir ali uma grande hospedaria onde nossos irmãos abeças-chatas pudessem arrumar, com sossego sua rede, tomar seu banho, comer bem e barato antes de tocar viagem. Tanto os nordestinos que vêm para o Sul como os que regressam (e que são em muito maior número do que se pensa, e vão levando um capitalzinho para movimentar sua lavoura no sertão) acharam uma idéia abençoada a Hospedaria de Corinto que os livraria da exploração de particulares gananciosos. A linha e migração que passa por Corinto — onde os que vêm por terra encontram com os que vêm pelo Rio São Francisco — continua a ser mais importante que a Rio-Bahia, usada pelos paus-de-arara e que a dos pequenos "Ita", usada pelo meu compadre Dorival Cayni e outros.

Muito bem. A hospedaria ficot pronta há coisa de um ano; mas acontece que não está funcionando, porque não se inaugurou; e não se inaugurou porque não se encontrou um nome para ela. A verba para funcionamento já houve, já deixou de haver, foi aplicada não sei onde ou não foi aplicada, já tornou a haver, já tornou a deixar de haver — mas como fazer funcionar uma coisa que não foi inaugurada e como inaugurar um negócio que não tem nome? Não é bem — percebe-se — que não se ache um nome; é que apareceram nomes demais, e demasiados candidatos à inauguração — uns petebistas, outros udenistas, outros pessedistas, outros monarquistas ou budistas. O resultado é que a inauguração vai sendo adiada, ao sabor da política regional e nacional. Já se pensou até em Ministro, Governador de Estado, chefe de Departamento — o fato é que ninguém inaugurou jamais a hospedaria. Em um país em que se inaugura tanta coisa que não se faz, e onde seria possível pavimentar uma longa estrada só com as pedras fundamentais que ficaram esquecidas, é fabuloso que se construa uma hospedaria e não se possa usá-la por não se poder inaugurá-la, e não se inaugure por falta de nome.

O funcionário que me contou essa história, deu, ao final, um fundo suspiro de desânimo. Então eu tive uma idéia genial que dei a ele e dou aqui às autoridades da República: denominar a Hospedaria de Corinto... Hospedaria de Corinto! A inauguração pode ser feita pelo sujeito que fôr dirigida, com a presença do prefeito, do vigário, do presidente da Câmara, do farmacêutico e do agente da estação, com mesinha de doces, guaraná para as crianças, cerveja para o pessoal, e a charanga tocando o "virudu", como é popularmente conhecido aquele hino que fala das margens do Ipiranga, e conta outras vantagens a respeito deste país positivamente do futuro.

9/9/54 R. B.

145